

ESPECIAL
BOLETIM DA

SBPT



PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PNEUMOLOGIA E TISIOLOGIA



HOMENAGEM

FERNANDO AUGUSTO FIUZA DE MELO

(24/04/1945 - 10/07/2011)

Prezados colegas,

Esse número especial do Boletim da SBPT é uma homenagem histórica da nossa sociedade ao querido, combativo e obstinado Fiuza. Procuramos, por meio de depoimentos dos colegas mais próximos, mostrar para a classe dos profissionais da medicina torácica a inquestionável contribuição que Fernando prestou para o desenvolvimento da Tisiologia e da Pneumologia. Esperemos que esse documento se torne um instrumento para que os atuais e futuros colegas mantenham na memória a pessoa e ações do Fernando Fiuza, utilizando seu trabalho e empenho como modelo profícuo.

Roberto Stirbulov, presidente da SBPT

Amigo fiel

Embora conhecesse Fiuza há mais de duas décadas, nosso convívio se tornou muito mais próximo nos últimos anos. No período entre 2008 e 2010, nos falávamos por e-mail, telefone ou em reuniões no Rio de Janeiro ou em Brasília pelo menos três ou quatro vezes por mês. Isso ocorreu em um dos mais ricos períodos da minha vida profissional, durante nossas atividades na Comissão de Tuberculose da SBPT - tratada na intimidade por nós como CoMi.

No convívio da CoMi, da qual participavam ainda Ninarosa (Para), Ana Marques (MS), Valeria Goes (Ceará) e Paulo Dalcin (RS), Fiuza brindava a todos com conhecimento e, sobretudo, bom humor. Sim, porque por trás do corpanzil de lutador bravo e tenaz, havia uma pessoa tremendamente bem humorada.

É verdade que era difícil conversar com ele. Mas tão somente porque rapidamente nos tornávamos ouvintes atentos da sua prosa rica e divertida. Acredito que para aqueles que não tiveram o prazer de uma convivência

mais próxima, os depoimentos e a breve biografia (redigida por ele mesmo) publicados nas páginas seguintes darão uma pequena amostra de quem foi Fiuza.

Já para os mais próximos, os textos remeterão às suas convicções, suas ideias, sua dedicação à Medicina e também à sua fidelidade, tanto aos princípios quanto aos amigos. E é desse amigo fiel, como descrito pelo padre Antonio Vieira, de quem nos despedimos temporariamente, mas de quem nunca deixaremos de lembrar e nem de gostar:

"Amico fideli nulla est comparatio
Parece demasiado encarecimento, porque assaz qualificado ficará o amigo fiel, se o seu gostar se comparar com o dos pais, dos filhos ou dos irmãos... porque o pai pode não gostar do filho, mas nem por isso deixa de ser pai; o filho pode não gostar do pai, nem por isso deixa de ser filho... mas o amigo fiel não deixa de gostar, porque nem seria fiel e nem amigo se não gostasse..."

Marcus Conde

"Por trás do corpanzil
de lutador bravo
e tenaz, havia
uma pessoa
tremendamente
bem humorada"

Marcus Conde

Ao Nosso Dotô

"Nascestes em Santa Maria de Belém do Grão Pará, no seio de família batalhadora, tradicional. Escolheste e te apaixonastes por uma Amazonas amazônida como tua companheira, também vinda de família da mesma estirpe: paternalistas, controladoras, machistas... Comum naquele momento da história do homem.

Atento ao pensamento humanista, igualitário que afluía naquele meio de século XX, escolheste partilhar teu conhecimento em luta a essa dominação. Elegestes como profissão aquele que cura, que ouve do próximo seus problemas, dores e angústias.

Fostes atrás da tua crença levando tua guerreira ao lado, tão desejosa dos mesmos ideais que os teus, ambos rompendo com a situação vigente. Tornastes um precursor de ideias, um filósofo de um mundo melhor, justo, ideal. Fostes humilhado, machucado da forma mais vil que um ser igual poderia tratar outrem... Seres protetores de crenças obtusas, retrógradas...

Depois disso, e ainda assim mesmo, optastes continuar a luta e recomençastes. Dessa vez dentro do status quo, à margem, inteligente e estrategicamente plantando teus ideais na área da saúde pública, como médico aprovado em concurso público do Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual, Diretor Técnico de Departamento do Instituto Clemente Ferreira, Doutor em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo, Consultor Técnico do Ministério da Saúde do Brasil e da República de Angola e como sócio atuante da Sociedade Bra-

sileira de Pneumologia e Tisiologia.

Vencestes! Colheste todos os frutos desejados.

Trouxestes para tua história todos os que te acompanharam e te escolheram: tua companheira, teus filhos, teu neto, tua extensa família de sangue e de escolha, todos os colegas de profissão. Liderastes, assim, uma pequena grande revolução!

Nosso ilustre e inesquecível Médico Pneumologista, Tisiologista, nosso Companheiro, nosso Pai, nosso Amigo, nosso Mestre, nosso Guerreiro, nosso Poeta e Cronista, nosso Líder, nosso Dotô!

Deixarás eternas saudades e um enorme legado de amor, luta, justiça e ética, que só as pessoas iluminadas, coretas e íntegras podem oferecer. Nos deixas muitos exemplos a serem seguidos por todos nós que tivemos a oportunidade e a honra de conviver contigo.

Te amamos muito (mas como não?), de maneira incondicional, bela e única!

Família Rocha Fiuza de Melo



"Confesso, como homem, pai e avô, sinto um pavor pelo fim da existência. Seja pelo sofrimento, sejam pelas dúvidas sobre o porvir"

Fernando Fiuza

*“Trabalhei como
pequeno agricultor e
mascate, vendendo
remédios porque não
tinha conseguido
obter meu diploma
de médico”*

Fernando Fiuza

No dia de sua formatura,
ao lado do pai, em 1968



Fernando Fiuza, por ele mesmo

Fernando Augusto Fiuza de Melo, brasileiro, médico pneumologista do Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo, doutor em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo, diretor do Instituto Clemente Ferreira e membro do Comitê de Assessoria Técnico-Científica do Programa Nacional de Controle da Tuberculose, faleceu na manhã de 10 de julho, em sua residência, no bairro do Jabaquara, na capital paulista.

Cerca de um mês antes, preparou um relato sobre sua militância de luta contra a ditadura militar, atividades profissionais e associativas. Motivado provavelmente por recentes diagnósticos consequentes a uma sucessão de agravos em sua saúde iniciada em meados de 2001, Fiuza revelou algumas de suas lembranças.

Hoje, entra para o seleto rol de personalidades que, ao longo dos anos, vem construindo a Medicina brasileira. Deixa para aqueles que ficam, o grande sonho da erradicação da tuberculose do nosso país. Confira abaixo um resumo da biografia de Fernando Fiuza, preparada por ele mesmo.

Uma lição de vida e de medicina

Nasci em 1945, em Belém do Pará. Meu avô, Bernardino Antônio Fiuza de Melo, foi um português que veio por volta dos anos 20 para o Brasil, adentrou no rio Amazonas e teve uma fazenda de borra-cha na Bolívia. Esta região foi mais tarde anexada ao Brasil e se formou o Acre. Morava com a família em Belém, de onde ex-

portava a produção da fazenda, enriquecendo na fase áurea da borracha. Teve dez filhos, dos quais meu pai era o antepenúltimo. Acabou falecendo na fase de decadência da borracha e a fazenda no Acre foi vendida a preço de banana... Já meu pai, também Bernardino, viveu com muitas dificuldades. Formou-se contador, foi guarda-livros e depois representante comercial de uma companhia paulista de produtos elétricos e dos discos Continental. Viajava por toda a região, pelo interior do Pará, Amazonas, Amapá, Acre, Roraima e Rio Branco, passando um a dois meses fora de casa. Praticamente quem mantinha a família era mamãe, Orlandina, uma costureira. Sua família era originária de Oriximiná, cidade ribeirinha do rio Amazonas. Meu avô materno morreu muito cedo e quem sustentou a família foi minha avó, descendente de índios, também como costureira. Costurava para as famílias mais abonadas de Belém e, assim, casou as filhas com filhos de famílias mais ricas. Em casa, éramos cinco; eu sou o último. O mais velho se formou

engenheiro, o segundo era técnico em contabilidade, o terceiro é advogado, a quarta é modista de alta-costura em Belém e eu me tornei médico.

Formei-me em 1968, na Escola de Medicina da Universidade Federal do Pará, numa turma na qual muitos fizeram política estudantil. Fui liderança universitária, presidente da União Acadêmica Paraense e militei na JUC (Juventude Universitária Católica) e na Ação Popular. Minha formatura foi no dia 11 de dezembro e no dia 13 era editado o AI-5. Já no dia seguinte, fugia de Belém para não ser preso pela repressão política. Fui para o interior da Amazônia, região do Tocantins-Araguaia, onde trabalhei como pequeno agricultor e mascate, vendendo remédios porque não tinha conseguido obter meu diploma de médico. Fiquei ali até 1970, quando fui para o Nordeste. Em Recife, trabalhei em uma agência de publicidade com um salário suficiente para montar minha casa com Margarida, minha esposa, agrônoma, também de Belém. Mantinha uma vida clandestina com o nome de Augusto Corrêa e meu primeiro filho, Raul, nasceu em Campina Grande, em 1970, quando não fazia mais Medicina. Mudei depois para Juazeiro do Norte, no Ceará, e acabei preso em Teresina, no dia 22 de abril de 1974, juntamente com minha mulher e meu filho. Fiquei preso em Recife e em Fortaleza, submetido a torturas e finalmente solto em 12 de dezembro.

Ainda na prisão, comecei a reler livros de Medicina e, após libertado, consegui reaver meu diploma e voltei a clinicar. Um colega de turma, aluno do Prof. Osvaldo Ramos, chamou-me então para vir para São Paulo, conseguindo um estágio na Disciplina de Pneumologia da Escola Paulista de Medicina, chefiada pelo Prof. Octavio Ratto. Ali, me especializei em pneumologia, me aprofundando no estudo da tuberculose, principalmente ao passar em concurso público para o Instituto Clemente Ferreira e no Serviço de Doenças Respiratórias do HSPE. Nestas instituições fui influenciado por tisiologistas experientes, como Mozart Tavares



Casamento com Maria Margarida Sherring da Rocha, em 1968

de Lima, Bruno Quilici, Carlos Comenale e Nelson Morrone. O Brasil sempre contou com grandes estudiosos da tuberculose e tive a felicidade de conviver com muitos deles no início de minha formação. Em São Paulo, nasceram meus dois outros filhos, Renato, em 1976, e Roberto, em 1978.

Naquela altura, os conhecimentos sobre a tuberculose tinham evoluído de tal forma que já eram considerados suficientes para controlar a doença. Havia um tratamento que levava a cura. E mais: com o desenvolvimento social do Primeiro Mundo, a doença passou a ser um problema apenas do Terceiro Mundo, sendo considerada em vias de extinção tal como a varíola. No final da década de 70, a ideia que se tinha era essa. Supunha-se que até o ano 2000, a tuberculose seria extinta nos Estados Unidos. A palavra de ordem da União Internacional de Luta Contra a Tuberculose era: "Vencer a tuberculose agora e para sempre". Textos afirmavam que já se sabia tudo sobre a doença, que nem mesmo despertava mais interesse da medicina atuante. Nesta época, poucos queriam ser tisiologistas, os novos médicos queriam ser cardiologistas, oftalmologistas, reumatologistas, porque estas especialidades davam mais dinheiro. Seja pela influência dos que me orientavam, seja por querer realizar uma especialidade com marcantes características sociais, me aprofundei no estudo da tuberculose.

*"Amiga, amante,
companheira, camarada,
educadora, observadora,
crítica e tantos outros
predicados e adjetivos. Se
meu espírito aventureiro e
contestador abriu picadas
e trilhas, foi ela quem
trabalhou no aceiro,
transformando-as em
caminhos e estradas"*

Fernando Fiuza, sobre a esposa



Ao lado dos filhos Roberto, Renato e Raul, ainda pequenos

*"Fui torturado
violentamente
por cerca de seis horas
em quartel do exército
onde tentei preservar a
integridade da esposa
e do filho que estavam
numa pensão"*

Fernando Fiuza

Aprendi, durante estes estudos, que a primeira tentativa de tratamento da tuberculose era o repouso, a boa alimentação e o isolamento, chamado de regime higieno-dietético (RHD). Os pacientes eram internados e isolados em Sanatórios, longe das cidades, no clima ameno das serras, onde rareava o oxigênio necessário para o crescimento do bacilo. Em 1882, no mesmo ano que Koch descobria o bacilo, Forlanini iniciava a prática do pneumotorax terapêutico, introduzindo ar no espaço pleural para as cavidades pulmonares tuberculosas, responsáveis pela disseminação, gravidade e morte da doença. Esta técnica de colapsoterapia foi desenvolvida por Jacobeus, que usavam um pleuroscópio e tesouras especiais para retirar as aderências pleurais, perpetuando o pneumotorax. Luscite, ao invés de ar, usava bolas de pingue-pongue, promovendo um colapso mais permanente. Por fim, retirava-se uma, duas ou mais costelas colapsando um ou os dois lados do tórax. Ainda atendi muitos pacientes mutilados por estas técnicas. Vendo o RX de tórax, perguntava para eles: "Você fez 'pneu'?" - gíria usada pelos que fizeram pneumotorax. Falava-se também que o tuberculoso tinha um cheiro típico. Lembro de um doente que dizia: "Doutor, estou fedendo como um cachorro de rua molhado de chuva". Aliás de tanto conviver com eles aprendi que a tuberculose tem cheiro, cheiro de roupa mofada.

Em 1923, um veterinário que operava

pulmões de porcos realizou a primeira pneumonectomia. Estudos mostravam que o pulmão tinha partes independentes e que seria possível ressecá-las. Estas técnicas foram logo aplicadas na tuberculose, iniciando a fase do tratamento cirúrgico, das ressecções pulmonares. O regime higieno-dietético privilegiava o fortalecimento do doente para vencer o bacilo, a colapsoterapia dificultava a multiplicação dos bacilos no interior da caverna tuberculosa, já a cirurgia extirpava os germes do organismo. A liderança na terapia contra a tuberculose na primeira metade deste século era dos cirurgiões. Conta-se que quando um cirurgião famoso chegava em Campos de Jordão, onde se situavam os mais importantes Sanatórios brasileiros, era recebido com banda de música. O tratamento cirúrgico foi de fato um passo novo, mas não o definitivo.

Desde muito tempo se experimentou diversos medicamentos para tratar a tuberculose. Por exemplo, sais de ouro que eram usados em outras infecções, arsenicais e cálcio. Os primeiros resultados foram obtidos com as sulfas, a partir dos avanços da química alemã. Estas mostravam alguma atividade contra o bacilo mas exigiam altas doses na tuberculose, sendo eficazes na hanseníase, para a qual a dapsona ainda hoje é utilizada. Até que, no rastro de Fleming, que descobriu a penicilina no início dos anos 30, desenvolveram-se os antibióticos. A descoberta de Fleming revela uma disputa pelo espaço vital no reino microscópico: os fungos produzindo substâncias que destruíam as bactérias, os antibióticos, e estas se alterando para não serem destruídas por eles, a resistência bacteriana. A penicilina, todavia, não se mostrou eficaz contra a tuberculose. A tetraciclina descoberta em seguida, tinha alguma atuação, mas era fraca e também exigia altas e tóxicas doses. Mais tarde, pesquisadores americanos descobriram um fungo que produzia a estreptomina, com boa ação sobre o bacilo da tuberculose. Iniciava-se com a estreptomina o tratamento medicamentoso ou quimioterápico, uma

revolução de tal porte, que todo o resto entrou para o museu da história.

Após o surgimento da estreptomicina percebeu-se que o bacilo apresentava uma alta porcentagem de mutantes resistentes aos antibióticos. Com seu uso isolado, os doentes que negativavam o escarro logo voltavam a positivar. Este problema foi equacionado com o aparecimento de uma nova e poderosa droga antituberculosa. Em 1949, uma substância já conhecida desde a década de 30, uma azida do ácido isonicotínico, foi experimentada para estimular doentes com psicose maníaco-depressiva, num hospital para alienados em Baltimore, Estados Unidos. A surpresa foi que doentes mentais também portadores de tuberculose foram curados. Mais um acaso na história da tuberculose. Este fato propiciou a descoberta da isoniazida, de alta eficácia no tratamento da doença. A associação da estreptomicina, da isoniazida e de outros medicamentos, evitava a emergência de bacilos mutantes resistentes. Foi algo que até então a Medicina desconhecia, o uso de tratamento articulado de drogas, um fogo cruzado para combater a resistência bacteriana e curar com plenitude a infecção. Surgia um regime padrão para a tuberculose, de associação de drogas, lição recentemente aplicada com o chamado "coquetel" no tratamento da aids.

Com a quimioterapia, surgia uma nova etapa no combate a tuberculose. Antes morriam 60% dos tuberculosos, 20% ficavam crônicos, outros 20% se curavam. Agora, as mortes ficavam em menos de 10% e as curas chegavam a 70%. Mas houve, no início, um problema: os cirurgões dominavam os sanatórios e resistiram muito à entrada da quimioterapia, muitos deles abominaram a estreptomicina porque com ela perderam o seu bom negócio de operar. Com a prática sanatorial e hospitalocêntrica que predominava na tuberculose, a quimioterapia inicialmente foi aplicada nos seus primórdios com os primeiros três meses internados e o restante fora dele, o que encarecia o custo total do tratamento. Aparecia, entretanto, um

novo aparelho no combate a tuberculose: o dispensário ambulatorial! Agora o tuberculoso não precisava mais ser segregado. A substituição do regime hospitalar por um tratamento totalmente ambulatorial, de baixo custo social, acontece com a descoberta da rifampicina, a droga mais poderosa conhecida na luta contra a tuberculose. Com este antibiótico foi possível diminuir de 12 para 6 meses o tempo de tratamento, dispensar a estreptomicina injetável de difícil aceitação pelo paciente e estabelecer regimes apenas com medicação de uso oral. Era uma segunda revolução dentro da revolução que se instalara com a quimioterapia. Eu vivenciei exatamente este momento no Brasil.

A tuberculose, que já havia experimentado um grande descenso de incidência em todo mundo desenvolvido, graças aos avanços sociais, reduzia-se mais ainda com a quimioterapia medicamentosa, que além da cura, redução das mortes, diminuía acentuadamente o período de transmissão. Estes fatos justificavam a concepção de uma doença controlada. Mas a tuberculose é uma doença de reativação. Na maioria dos casos o bacilo infecta o organismo sem provocar sintomas, hibernando nele de forma latente. Ele volta a se desenvolver quando encontra baixa imunidade, em geral causada pela subnutrição. Assim a tuberculose recrudesciu no mundo todo graças a um paradoxo e um casamento bem sucedido. Hoje a doença

*"Depois da prisão
sobrou-me o medo,
o terror imposto por
torturas e o vislumbre
de manter-me vivo e
útil retomando minha
profissão de médico"*

Fernando Fiuza

Fiuza era o caçula entre os cinco irmãos paraenses





A comemoração de 40 anos de casamento aconteceu na Europa, ao lado de familiares e amigos, em 2008

“Construí um currículo técnico de razoável para bom, com inúmeros artigos originais e de revisões publicados em revistas nacionais e internacionais”

Fernando Fiuza

Já lutando por sua saúde, não deixou de participar ativamente de eventos científicos. Aqui, no TÓRAX 2011, promovido pela SBPT, em maio, em Manaus

cresce pelo aumento da miséria das populações periféricas e pela longevidade conquistada pela qualidade de vida dos desenvolvidos. Porque o velho também tem menor resistência. E recrudescer assustadoramente na associação com a pandemia do HIV, e a queda da resistência imunitária por ele provocada. Fico pensando nesta mudança de expectativa, antes estudava uma doença quase arqueológica, hoje sou referência para “novidades” tão antigas quanto a própria humanidade...

O Brasil adotou um modelo de tratamento auto-administrado, em que o doente recebe o remédio e se trata em casa, volta a cada mês para receber os medicamentos até sua conclusão ao longo de 6 meses. Este modelo, de responsabilidade estatal, facilita o abandono do tratamento, especialmente se considerarmos que

a melhora ocorre já no final do primeiro ou do segundo mês. Interrompendo precocemente o tratamento, o doente não consegue eliminar todos os bacilos e a doença se reativa com seleção de germes resistentes às drogas usuais, mais potentes e mais baratas. Resultado: o abandono permite o desenvolvimento de formas multirresistentes da doença, que exigem um tratamento com novas drogas, de experiência limitada, tóxicas, caras e muitas inexistentes no mercado brasileiro. Esta tuberculose multirresistente pode ser transmitida para os contatos mais íntimos, especialmente os de menor resistência, por exemplo, crianças e os portadores de imunidade baixa, entre estes os portadores do HIV. Este é um dos atuais desafios da tuberculose e vem mobilizando cientistas de todo mundo para sua solução.

Recentemente a OMS recomendou um tratamento diretamente observado, o DOT da sigla inglesa, para evitar o abandono e suas consequências. Sua introdução no país esta sendo discutida, mas sua aplicação exige uma reestruturação da rede pública de assistência à saúde reconhecidamente deteriorada. Este sim, para nós, brasileiros, talvez, o maior desafio...

Fernando Fiuza

** Depoimento gravado para o Museu da Pessoa e publicado no livro Indústria Farmacêutica e Cidadania - ABIFARMA - 50 ANOS, em 1997*



Carta de agradecimento

Texto enviado por Fernando Fiuza à SBPT, em retribuição à homenagem recebida durante o XXXV Congresso Brasileiro de Pneumologia e Tisiologia

Gostaria de agradecer aos organizadores do XXXV Congresso Brasileiro de Pneumologia e Tisiologia e a Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia a homenagem que recebi no Congresso. Foi grande a minha satisfação.

Filho de uma "terra de rios gigantes e rica floresta, fecundados pelo sol do equador" não posso negar que sou um "presepeiro" (orgulhoso) e cheio de "pavulagem" (do verbo pavonear) no dialeto paraense. Creio, entretanto, que minha participação na luta contra a tuberculose resulta de diversas contribuições e situações por mim vivenciadas.

Assim, rendo neste momento, uma reverência a meus pais falecidos, Dino e Dina, que me legaram o espírito gregário da família.

Agradeço a Juventude Universitária Católica, dos tempos do cristianismo libertário, que introduziu no meu ser o sentimento de amor ao próximo e a tarefa de ser "sal na massa"; aos colégios que estudei e a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará, que me educaram e onde me graduei como médico; e aqui, aos colegas da turma de 1968, com quem convivi, debati, polemizei e guardo de todos, vivos e os que se foram, o sentido de convivência e o partilhar do aprendizado.

Aos movimentos e partidos que militei, onde desenvolvi o engajamento e a liderança política.

Aos camponeses da região do Tocantins, aos boias-frias, operários e intelectuais do Nordeste, com quem convivi quando, já médico, fui obrigado a romper com minha vida legal na luta contra a Ditadura que cerceou a nação das liberdades democráticas, que me revelaram a grandeza do modo simples de vida, o reconhecimento da fome, da miséria, da pobreza e, com os últimos, a capacitação e o entendimento da natureza desses problemas.

Tenho que reconhecer que meus algozes e torturadores, além da brutalidade e do desrespeito aos direitos do cidadão, revelaram

a natureza humana do pavor e do medo, a dificuldade do heroísmo, a capitulação e o sentimento de valorizar o sentido humanístico de minhas ações.

Agradeço, ainda, ao movimento pelas "Diretas Já", pelo retorno da constitucionalidade e das liberdades democráticas no país, que formou em mim a compreensão da possibilidade da luta legal por mudanças de regimes.

Ao Serviço de Doença Respiratória do Hospital do Servidor Público Estadual, uma "academia fora da universidade", à Escola Paulista de Medicina da UNIFESP, onde pude retornar à medicina, à arte e à prática clínica, articular o conhecimento empírico com a evidência científica e, por fim, obter o título de Doutor em Medicina.

Aos grandes educadores e mestres Mozart Tavares de Lima Filho, Octávio Ribeiro Ratto, Nelson Morrone, Manoel Lopes dos Santos, Bruno Quilici, Manuel Conde e Adauto Castelo, entre outros, que formaram e moldaram um sequioso pelo saber.

A José Rosemberg, Gemano Gerhardt, Antonio Ruffino Netto, Gilmário Teixeira, Werner Otti e Miguel Aiub Hijjar, que aprofundaram o gosto de estudar a tisiologia e a oportunidade de militar no Programa Nacional de Controle da Tuberculose.

Aos parceiros do Instituto Clemente Ferreira, com quem dividi trabalhos, preocupações e realizações.

Aos doentes anônimos, ou não, que me desafiaram com suas patologias e mazelas e me ensinaram que a saúde e a doença fazem parte da natureza humana.

Aos colegas que me assistiram e continuam assistindo meus problemas de saúde, permitindo que eu continue a jornada de minha vida.

Aos meus filhos Roberto, Renato e Raul, que com Franceli, me presenteou Lucas, neto querido, continuadores de nossa saga familiar.

Finalmente, dizer muito obrigado a uma pessoa com quem convivi quando criança, que me aceitou como namorado em 1962, comigo casou em 1968 e que se mantém do meu lado até hoje. Amiga, amante, companheira, camarada, educadora, observadora, crítica e tantos outros predicados e adjetivos. Se meu espírito aventureiro e contestador abriu picadas e trilhas, foi ela quem trabalhou no azeite, transformando-as em caminhos e estradas, minha esposa Maria Margarida da Rocha Fiuza de Melo.

Fernando Augusto Fiuza de Melo



Ao lado de Rodney Frare e Jussara Fiterman, Fernando Fiuza foi homenageado no XXXV Congresso Brasileiro de Pneumologia e Tisiologia, em 2010

A Tuberculose, Rosemberg e eu

Homenagem póstuma a José Rosemberg – um amigo e interlocutor – ano do centenário de seu nascimento, redigida por Fiuza

“Antes estudava uma doença quase arqueológica, hoje sou referência para “novidades” tão antigas quanto a própria humanidade”

Fernando Fiuza

Acredito que o verdadeiro conhecimento resulta da prática. É o conhecimento empírico, maior ou menor, de acordo com o tempo de vivência.

Tal conhecimento pode ser generalizado quando experimentos dirigidos demonstram sua reprodutibilidade e universalidade, dizemos que esse é o conhecimento científico com base em evidências.

Há, entretanto, um conhecimento consequência de uma longa prática, inúmeras observações e experiências que aprofundam o entendimento de um determinado fenômeno capaz de produzir análises amplas e teorias inovadoras. É o que a língua inglesa define como “feeling”, um privilégio dos sábios e dos gênios. Foi o que encontrei em Rosemberg.

Quando me tornei seu amigo, em meados da década de 1980, a tuberculose já fazia parte do meu ser. “Régua e compasso” me deram Bruno Quilici e Manoel Conde, professores carinhosos e dedicados que me ensinaram o “bê-a-bá” sobre a doença. A corrente de pensamento, com Mozart Tavares de Lima Filho e Nelson Morrone, na Enfermaria de Doenças do Aparelho Respiratório do Hospital do Servidor Público Estadual Francisco Moratto de Oliveira, uma Academia fora da Universidade. A metodologia científica durante meu doutorado na EPM-UNIFESP, com Adauto Castelo e Manoel Lopes dos Santos.

Antes do conhecimento pessoal já ha-

via lido alguns trabalhos de Rosemberg. Alguns encontrados na velha Biblioteca do Instituto Clemente Ferreira (ICF), como aquele escrito junto com Manoel Caetano Passos Filho e Jamil Aum, “O Moderno Dispensário Anti-Tuberculoso”, de 1954; ou os dois artigos, publicados em 1983 pela Revista da AMB, sobre o Tratamento da Tuberculose, uma das mais completas revisões sobre o tema, leitura ainda atual que recomendo a todos que querem aprofundar seu saber nesse campo.

Diretor do ICF, Rosemberg aproximou-se de Fausto Cestari e Jorge Afiune na década de 1980, encantado com a renovação de quadros na Instituição. Conhecemo-nos melhor em eventos que participamos juntos e esse relacionamento se intensificou no Comitê Técnico-Assessor do Programa de Controle da Tuberculose do Ministério da Saúde, durante as gestões de Miguel Aíub Hijjar e depois na de Antônio Ruffino Netto.

Aos poucos formamos uma sólida amizade. Descobrimos que, além do entusiasmo da luta contra a tuberculose, tínhamos identidade filosófica e ideológica. Usávamos a mesma ciência para ver o mundo e a história da humanidade, e a mesma ferramenta da metodologia dialética em como intervir na vida e interpretar os fenômenos que nela ocorrem. Como ele morava próximo ao Instituto Clemente Ferreira, nas tardes das sextas-feiras nos encontrávamos num “chá tísico”, debatendo questões sobre a tuberculose num nível acima da média e duas vezes o desvio padrão.

A genética do bacilo, a dinâmica de suas populações quando parasita o organismo e a resposta deste frente a sua presença; as relações entre a hipersensibilidade, a imunidade inata inflamatória e a complexidade da imunidade mediada por células; a dicotomia da evolução da doença e suas particularidades regionais; esses eram, entre outros, assuntos de calorosas discussões. Tínhamos várias divergências, mas essas foram incapazes de nos separar na crença de que a unanimidade absoluta é cega e castradora...

Ele tentava conter meus impulsos e o costume de polemizar, aconselhando-me a valorizar a paciência e a prudência

Fernando Fiuza e Margarida, na comemoração do 95º aniversário de José Rosemberg, na foto ao lado de sua esposa, Ana Margarida



no conviver com a grande frente anti-tuberculosa e a possibilidade de influenciar sobre o movimento. Era complacente com meu tabagismo, mesmo sendo um ativo militante antitabagista.

Algumas vezes compartilhávamos um churrasco tradicional, que fazíamos aos domingos com minha família, e jantares em cantinas de Higienópolis, após seu casamento com Ana Margarida. Lembro que em um desses encontros, Rosemberg lamentou de não ter me conhecido há mais tempo, o que respondi com preten-siosa irreverência de que preferia o modo e momento de como começamos nossa amizade, pois se nossa relação fosse mais antiga, eu seria mais um aluno e não um dos seus interlocutores privilegiados...

Acompanhei seu sofrimento nos últimos dias, chorei sua morte longeva, mas precoce no nosso relacionamento. Não me esqueço de algumas recomendações que fez sobre a responsabilidade de persistir na luta contra a tuberculose. Assim, a tuberculose nos fez amigos e parceiros. Ainda que a amizade tivesse sido mais



curta do que merecíamos, foi profunda, profícua e gratificante. Restam os manuscritos sobre os quais discutíamos, a avaliação da sua aplicabilidade e a obrigação de sua divulgação...

Fernando Augusto Fiuza de Melo
São Paulo, novembro de 2009

Ao lado dos colegas do Instituto Clemente Ferreira, em comemoração ao final do ano de 2010

Fernando Fiuza, por Ana Margarida Furtado Arruda Rosemberg, viúva de José Rosemberg

Fernando Fiuza desapareceu de nosso convívio, para a tristeza de todos nós, principalmente de sua diletta esposa Margarida, mas partiu com os maiores dividendos, ficando, indelevelmente, gravado em nossa memória.

A luta contra a tuberculose perdeu um de seus mais ardorosos combatentes, com papel relevante no controle desta doença que, apesar de todos os avanços da medicina, ainda persiste como problema de saúde pública.

Fiuza foi um apaixonado pela tuberculose. Acumulou durante sua profícua existência um denso e profundo conhecimento sobre a mesma, dedicando sua vida ao controle da doença com marcantes características sociais.

Foi no Instituto Clemente Ferreira, em São Paulo, que deu o melhor de si para a luta contra esta enfermidade. Amou, como ninguém, o Instituto que dirigiu durante tantos anos e, com seus estudos e pesquisas, combateu a tuberculose e aliviou o sofrimento dos tuberculosos. Nos deixou, assim, um legado incomensurável. Sua ausência deixará um vácuo na medicina brasileira.

Como dizia o Dr. Tarantino, "Não morre quem vive em tantas pessoas". Esta é a sensação que tenho em relação à partida de um grande e querido amigo, que cultivou legiões de amigos com seu coração grande e generoso.

"Hoje a doença cresce pelo aumento da miséria das populações periféricas e pela longevidade conquistada pela qualidade de vida dos desenvolvidos"

Fernando Fiuza



Aluno e admirador de Mozart Tavares de Lima Filho, a quem chamava de 'mestre de mestres, professor de professores'

"A aplicação do DOT exige uma reestruturação da rede pública de assistência à saúde, reconhecidamente deteriorada. Este sim, para nós, brasileiros, talvez seja o maior desafio"
 Fernando Fiuza

O CÉU AGORA ESTARÁ MAIS BRILHANTE, POIS GANHOU UMA NOVA E ESPECIAL ESTRELA

"Estou profundamente triste com a perda do meu amado guru, que certamente se não tivesse partido tão prematuramente ainda iria fazer muito, pois era incansável na luta pelos seus objetivos e dava voz aos portadores de TB, por identificar-se profundamente com eles. Acho estranho ver o mundo hoje sem o Fiuza, entretanto, já que teve de ser assim, fico aliviada por ter sido poupado de mais sofrimento, pois quando falei com ele pela última vez, na quarta feira passada, ele me disse chorando ao telefone "estou sofrendo muito, baixinha". Havia na ocasião a esperança de poder iniciar quimio anti-neoplásica, o que provavelmente só ampliaria o seu sofrimento e não a sua vida. No sábado, quando ficou evidente a sua deterioração, ele manifestou o desejo de voltar para casa, no que foi felizmente atendido pelos médicos e família. Ele se foi serenamente, em casa, ao lado da família, na manhã de domingo, como queria. Nesse sentido a sua morte foi um alívio, pois se não há mais qualidade de vida, que vida é essa afinal? Interessante é que há 3 meses meu pai se foi também em um domingo pela manhã, em casa e ao lado de sua família e quando comentei com o gordo, ele disse que era uma bela forma de partir. Estaria predizendo a sua própria viagem? Me alenta a certeza de que ele cumpriu a sua missão com muito amor. Ele era uma pessoa especial, a quem eu devo muito e acredito que seu legado foi tamanho, que persistirá na sua ausência. Para mim a luta contra a TB real-

mente perdeu muito do brilho, pois foi-se a sua estrela maior (em todos os sentidos), polêmica (como ele adorava se auto rotular!), autêntica, ardorosa, altamente qualificada e comprometida. Fica a saudade... Também lamento profundamente que ele não tenha permanecido entre nós para assistir ao vivo a homenagem à sua pessoa no encontro nacional de TB em 2012, que ocorrerá em Belém e onde já estava decidido há dois meses pela comissão organizadora, que ele será o presidente de honra. Não sou bruxa, mas quando soube dessa homenagem, me veio a sensação de que ele não estaria presente... Me alegro saber dessa homenagem da SBPT, pois ele era especialmente apegado à nossa sociedade de especialidade. Espero que, de onde estiver, possa acompanhar as homenagens que certamente virão de todos os cantos do país, para que ele tenha a certeza que não passou em branco por esse planeta e se não foi amado por todos (quem o é?) foi certamente muito respeitado, por seu enorme saber e postura íntegra. Irei sentir falta da sua crítica mordaz e precisa em relação à tuberculose. Sigo serena, vivendo o meu processo de luto e sabendo que as boas lembranças me confortarão pela ausência material. O céu agora estará mais brilhante, pois ganhou uma nova e especial estrela."

Ninarosa Cardoso

UM TISIOLOGISTA QUE MUDOU DE ENDEREÇO

"Num país de tantas e tão tolas condecorações, esquecer de um homem como Fiuza parece normal, mas certamente é imoral"

"Fiuza se foi... A luta contra a Tuberculose perdeu seu brilho". Essa foi a notícia enviada por Ninarosa Cardoso, pneumologista e amiga de Fernando Augusto Fiuza de Melo. A morte do paraense foi um soco no peito dos pneumologistas e daqueles que não se cansam de combater a tuberculose. Muito dóida a sua mudança de CEP.

Incansável. Admirável. Invejável. Fiuza conseguiu reunir os melhores adjetivos em torno de seu nome e de sua personalidade sempre envolvente. Conseguiu não ser apenas um acumulador de conhecimentos, o que já seria o bastante para muitos, pois discorria com propriedade desde a "era pré-Koch" até os polimorfismos do bacilo. Tudo com extrema

naturalidade e maestria. Ele fazia das tripas, pulmão, para enfrentar o BK, o agente da Tuberculose. Publicou muitos trabalhos no Brasil e exterior e, como gestor em saúde, participou ativamente do programa de controle deste mal. Onde fosse chamado para falar, mesmo no mais distante grotão, jamais refugaria. Coisa de médico-sertanista, mesmo. Assistir a aula sua foi oportunidade para muitos, mas diante de tanto domínio, acreditamos que a plateia sempre será considerada pequena. Homem de grande entusiasmo, não se deixou desanimar pelo avanço da doença e a superou até onde foi capaz, afinal de contas quem luta contra tuberculose aprende a lutar contra a morte. Aprende a reverenciar a vida.

Numa de suas últimas aparições, se não a última, em Manaus (maio de 2011), foi homenageado e aplaudido num congresso de cirurgiões. Ensaçou dançar Boi sobre cadeira de rodas na festa de abertura. Disse-nos que a perna doía, mas, paradoxalmente, sorria. Discutiu com os cirurgiões, radiologistas e clínicos. Falou, como sempre, de Tuberculose, Tuberculose e Tuberculose. Para ele, parafrasear Hamlet não faria qualquer mal a Shakespeare: "TB or not TB, that is the question". Fiuza era paraense de sangue e estudou Medicina na Universidade Federal do Pará. Pegou o Ita do Norte, foi para São Paulo muito cedo e por lá fincou raiz. Da Pauliceia, precisamente do Instituto Clemente Ferreira, coordenou diversos programas de Tuberculose para o Brasil, mas não se esquecia do Círio de Nazaré, da família e do antigo Sanatório Barros Barreto, no qual detinha grande amizade com o Grupo de TBMR.

Ninguém falou tanto de Tuberculose no Brasil como Fiuza. Em Belém, nem se fala. Na época do Círio de Nazaré, quando vinha para rever seus familiares (que não são poucos), aproveitava a semana para palestrar. Filmei algumas dessas aulas. Eram magnas. Fiuza, assim, aproveitava para tomar a bênção da padroeira da Amazônia. Na última vinda recebeu uma singela homenagem de Salomão Habib, músico paraense, que compôs o "Carimbó do Koch". Fiuza se emocionou com a homenagem e o artista se emocionou com o cientista.

No domingo de sua partida, antes mesmo do sol se pôr no lado oeste do Hospital Barros

Barreto, a bandeira da luta contra tuberculose baixou, em luto, pois a mudança de endereço deste paladino se deu de maneira muito lenta, paralisante e doída. A descida do mastro acompanhou a languidez de sua partida. Eram diversas metástases ósseas causando-lhe dores insuportáveis de um câncer indolente, que cobrava muito caro para mantê-lo no mesmo logradouro com o estandarte hasteado. Confessou-me João Aléssio, outro cirurgião de Fiuza, que na hora de seu enterro ele estava com sua mortalha de guerra da luta contra a Tuberculose: o avental do Instituto Clemente Ferreira. A indumentária era tão somente para se fazer entender que morreu trabalhando. O alforje de lutador estava vazio e, à sua margem, crisântemos amarelos e brancos. No lado esquerdo do peito reluzia o broche da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, que tanto o prestigiou.

Num país de tantas e tão tolas condecorações, esquecer de um homem como Fiuza parece normal, mas certamente é imoral.

Roger Normando e Ajalce Janahú
Cirurgiões Torácicos do Hospital
Universitário Barros Barreto – UFPA

PNEUMOLOGISTAS DO BRASIL JÁ SENTEM SAUDADES DE UM DOS SEUS MEMBROS

"Sua ausência será sempre sentida no meio das pessoas que militam no PCT, bem como entre seus amigos"

Fernando Augusto Fiuza de Melo, mais conhecido por Fiuza, foi um grande batalha-

O céu agora
estará mais
brilhante, pois
ganhou uma nova
e especial estrela"

Ninarosa Cardoso

Durante o 3rd World Stop TB
Partnership Forum, em março de
2009, ao lado de Antonio Ruffino
Netto, Ninarosa Cardoso e Tereza
Cristina Scatena Villa



FERNANDO AUGUSTO FIUZA DE MELO (1945-2011)

Conhecia a tuberculose pelo cheiro

ESTÉVÃO BERTONI
DE SÃO PAULO

O paraense Fernando Augusto Fiuza de Melo, doutor em pneumologia pela Unifesp, dizia ter aprendido tanto sobre a tuberculose que conseguia sentir seu cheiro. O odor, contava, era parecido com o de roupa mofada.

Tisiologista (médico especialista em tuberculose), trabalhou nos últimos 35 anos no Instituto Clemente Ferreira, sete deles como diretor.

Fernando só conseguiu exercer a medicina sete anos após concluir a faculdade. Líder estudantil e militante da

Ação Popular, formou-se dois dias antes do AI-5, o ato que endureceu a ditadura em 1968. Quando foi pegar o diploma, soube que estava sendo procurado.

Já casado com a agrônoma Maria Margarida, fugiu e passou a viver na clandestinidade como agricultor e mascate na zona do Araguaia. Depois, foi para o Nordeste, onde trabalhou como publicitário.

Em 1974, acabou preso com a mulher e o filho pequeno, que foi enviado a Belém para ficar com um tio. Passou nove meses na cadeia e, no período, sofreu torturas.

Após ser solto, conseguiu

resgatar o diploma. Em 1975, mudou-se para São Paulo, especializou-se em pneumologia e passou no concurso para tisiologista do Estado.

Chegou a se engajar na luta pelas Diretas, mas depois se decepcionou com a política partidária e largou a militância. Seguiu só com a medicina, paixão que a mulher, brincando, chamava de rival.

Seus três filhos foram batizados com codinomes usados por antigos companheiros seus: Raul, Renato e Roberto. Teve ainda um neto.

Sofria de câncer. Morreu no domingo, aos 66 anos.

coluna.obituario@uol.com.br

Publicado no jornal Folha de São Paulo, em 15 de julho de 2011

dor pela luta contra a tuberculose no Brasil e também em outros países. Não pretendo reapresentar sua biografia, pois esta já foi sobejamente comentada, mas sim destacar alguns pontos que atestam a amizade que mantivemos, a comunhão de ideais no combate para a mesma doença, a admiração que sempre tive pela pessoa deste batalhador. Fiuza, polêmico em qualquer circunstância, desde pequenas reuniões até uma grande assembleia no meio científico.

Nem sempre concordei com todas suas ideias, contudo sempre admirei sua forma de debater os temas pertinentes à sua área de atuação. E o fazia com muito brilhantismo, imbuído de uma força de argumentação invejável. Usava as palavras com uma facilidade incrível: buscava adequação denotativa dos termos que aplicava, bem como brincava com os sentidos conotativos das mesmas. Vários de seus trabalhos científicos, bem como seus poemas e textos produzidos atestam tal afirmação.

Lembro-me neste instante da sua produção "Expedição pelo rio Trombetas". Enquanto fui Coordenador Nacional do Programa de Controle da Tuberculose do Ministério da Saúde, contava com um Comitê Assessor para pensar/delinear/resolver as atividades do PNCT. Fiuza foi uma dessas pessoas que escolhi para o Comitê. Ele trouxe sua contribuição, como de costume, debatendo, brigando e se "esquivando às vezes da reunião para fumar seu cigarrinho".

Em março de 2009, fomos (a seu convite)

para Luanda, para discutir o Programa de Controle da Tuberculose de Angola. Viajamos juntos. Durante alguns dias muito conversamos sobre medicina, filosofia, literatura, folclore, a realidade brasileira, a Revolução Angolana, etc. Claro que a maior parte do tempo, o assunto foi tuberculose.

Nesta viagem, Fiuza me presenteou com uma estátua (miniatura) do 'Pensador', feita por um artista angolano. Tal peça encontra-se em minha casa, na sala de visitas. Além disso, me deu também um exemplar do livro A história da humanidade contada pelos vírus, de autoria de Stefan Cunha Ujvari, da Editora Contexto. O conteúdo deste livro serviu como pretexto para longas conversas e troca de ideias sobre a vida, sobre o mundo e sobre a política.

Em que pese, o aspecto polêmico da forma das suas discussões. Deve-se destacar a inteligência com que argumentava, o nível de conhecimentos gerais, históricos e da área médica. Pessoa que viveu muito. Tinha grande experiência com a vida política durante o golpe militar. Fui também por ele convidado para participar de um Curso de Atualização em Tuberculose, na cidade de Santarém, promovido pela Universidade Federal do Pará e SES do Pará.

Viveu e conviveu como nomes de alta densidade científica e qualidades humanas, como José Rosemberg e Mozart Tavares de Lima Filho, acompanhando suas vidas, inclusive na fase terminal de ambos. Conviveu também com outros colegas e amigos médicos, também importantes no cenário pneumológico do Brasil, como Nelson Monrone, Bruno Quilicci, Conde, e outros do Instituto Clemente Ferreira, Hospital do Servido Público de São Paulo e da UNIFESP. Sua ausência será sempre sentida no meio das pessoas que militam no PCT, bem como entre seus amigos.

Antonio Ruffino-Netto
Professor Titular de Medicina
Social da Faculdade de Medicina
de Ribeirão Preto-USP

UM GRANDE COMBATENTE DA TUBERCULOSE

É com grande tristeza que recebemos a notícia do falecimento do nosso querido

*"Doentes anônimos,
ou não, me
desafiaram com
suas patologias e
mazelas e me
ensinaram que a
saúde e a doença
fazem parte da
natureza humana"*

Fernando Fiuza

amigo Fernando Augusto Fiuza de Melo, na cidade de São Paulo.

Em uma visita ao Instituto Clemente Ferreira, tivemos a oportunidade de vê-lo com seu jaleco branco clinicando tarde da noite, dispensando uma especial atenção e carinho a seus pacientes que retribuía com manifesto sentimento de respeito e gratidão.

Dono de notável senso de humor e crítico mordaz, é reconhecido nacional e internacionalmente como um grande especialista e combatente da tuberculose.

Carlos Basília
Fórum ONGs Tuberculose – RJ; Observatório
Tuberculose Brasil; Instituto Brasileiro
de Inovações em Saúde Social – IBISS

No último dia 10 de julho partiu de nosso convívio terrestre um dos fundadores e um dos mais ilustres sócios da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, o paraense Fernando Augusto Fiuza de Melo. Aos 66 anos, formado em Medicina pela Universidade Federal do Pará em 1968, teve que esperar por mais seis anos para poder exercer a sua profissão, o que o fez um verdadeiro médico de homens e de almas, sempre com uma preocupação centrada no paciente, sem, no entanto, perder a incansável explicação dos mecanismos de adoecimento e tratamento da Tuberculose. Privilegiados foram os que tiveram a oportunidade da sua convivência, suas aulas, mesas-redondas, conferências e assembleias. Em todas as situações, Fiuza sempre deixava sua opinião, clara, forte e muitas vezes polêmica, mas não havia encontro em que ao final não estivéssemos todos ao seu redor, para cumprimentá-lo, perguntar algo mais ou até mesmo para pedir a cópia de sua aula, com esquemas e gráficos que são sua marca registrada. Certamente sentiremos muito a sua falta, mas também é certo que o nosso querido Fiuza estará sempre iluminando o nosso caminho.

Marcelo Fouad Rabahi
Coordenador da Comissão de
Tuberculose da Sociedade Brasileira de
Pneumologia e Tisiologia

FERNANDO FIUZA, A FORÇA DO RECADO

Partiu sem estrépito, contrariando seu estilo de ser, Fernando Augusto Fiuza de Melo, o Dr. Fiuza, do Clemente Ferreira; o Fiuza,

membro das Comissões de Tuberculose, do Comitê assessor do Ministério; o Fernandão, como o chamou Adauto Castelo, amigo de tantos; o Fernando, militante das causas da liberdade, o companheiro de sempre da Margarida, o pai amoroso de Raul, Renato e Roberto, o avô desvelado de Lucas e Clara.

Deixou-nos o Fernandinho, meu amigo e interlocutor de tantas reflexões da natureza humana, de inquietudes sobre o nosso papel de médicos e cidadãos, de dúvidas sobre as reais prioridades de se pesquisar, de certezas cuidadosamente buscadas, nas melhores evidências científicas. Lembrança presente e perene de nossas conversas telefônicas, nada tertúlias, nos sábados fim da tarde, que ele sabia haviam substituído para mim as igualmente saudosas e durante tanto tempo partilhadas com o Professor Newton Bethlem.

Muito fácil observar o quanto Fernando Fiuza foi um estudioso e leitor exemplarmente organizado. Sua biblioteca médica, local onde tive o privilégio de estar em diversos momentos, alberga um acervo extraordinário, com os textos seminais dos grandes tisiólogos brasileiros e internacionais.

Sua franqueza, muitas vezes a incomodar o interlocutor, a emotividade na defesa de seus princípios, de par com sua coerência em suas relações pessoais e profissionais, compõem uma personalidade singular, que nos deixa, aos que o conheceram de fato, saudade e presença.

Margareth Dalcolmo
Diretora do Centro de Referência
Professor Hélio Fraga/FIOCRUZ

*“Fiuza foi um
dos fundadores
e um dos mais
ilustres sócios da
Sociedade Brasileira
de Pneumologia
e Tisiologia”
Marcelo Rabahi*

Em janeiro de 2009,
durante visita a Angola



Vai Fernando!

Porreta!

Talvez um dos adjetivos preferidos por Fiuza (para muitos) ou Fernando (para nós, do Clemente), seja aquele que melhor e de forma mais abrangente possa defini-lo e à sua obra.

Apaixonado!

Talvez a qualidade que melhor defina o seu jeito de ser e fazer as coisas.

Paixão, antes, pelo sofrido povo brasileiro.

Paixão pelo país, pelo seu berço amazônico e pelo Círio de Nazaré.

Paixão por Margarida, Raul, Renato e Roberto. E pelo neto, que conhecemos em seus últimos anos de aulas.

Paixão pela Medicina e pela fisiologia.

Paixão por ensinar e por aprender.

Paixão pela ciência. Não apenas a da evidência mas, sobretudo, a da observação crítica.

PAIXÃO PELO DEBATE.

Paixão (e respeito) pelos mestres. Mesmo depois de num deles se transformar.

Paixão pelo Clemente Ferreira e paixão (enorme e recíproca) pelos seus pacientes.

De quem conhecia não só o nome, mas também a história clínica e de vida.

Falar de sua obra, seus pensamentos e teorias geniais e suas criações científicas não é mais necessário porque, salvo ineditismos (e certamente os há), que talvez venhamos a conhecer um dia, o restante está (felizmente) posto nas milhares de páginas criadas por ele. E povoando a mente de seus discípulos.

Melhor lembrar, em momento como este, da sua cultura humanista e da erudição do seu saber. Não arrogantes e pernósticos, mas coloridos pela sabedoria popular, como a conservar intactas no seu espírito, as riquezas culturais amazonenses e brasileiras.

Melhor lembrar de como manejava a língua portuguesa. De como escrevia cartas, muitas (literalmente) manuscritas, aos seus amigos e alunos. Cartas de um lirismo raro, cuja leitura é um prazer e um privilégio.

Melhor lembrar de como pensava o mundo. De como sonhava com justiça social. De como defendia suas causas.

Inteligente, corajoso, perspicaz, inquieto, determinado, provocador, polêmico, generoso, moleque, surpreendente. Nunca indiferente. Assim foi Fernando.

Vai Fernando, que sua missão é cumprida. Como pai, médico e cidadão.

E se algo dela não o foi, os restantes daqui se esforçarão para que o seja.

Vai, para outra dimensão, que comporte sua grandeza.

Vai, talvez, encontrar Manuel Caetano, Mozart, Bruno Quilici e Rosemberg.

E, quem sabe, o próprio Clemente Ferreira.

E, quem sabe, desse encontro, possamos continuar, por alguma artimanha cósmica, a aprender com você e com eles.

Vai Fernando.

Porreta e apaixonado!

Jorge Afune

*“Em minha vida,
eu produzi coisas
que pudessem
colaborar com
a sociedade e
hoje posso alisar
minha barriga...”*

Fernando Fiuza